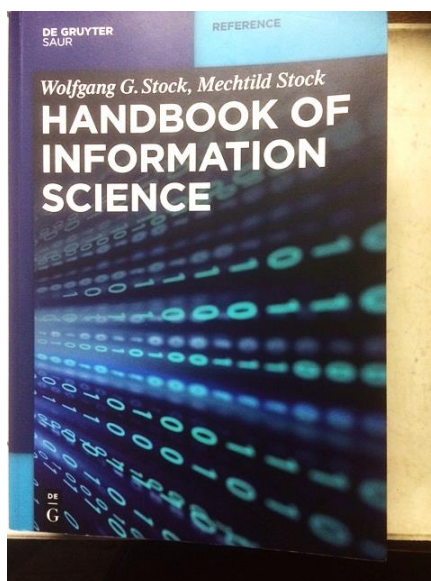


Handbook of Information Science

Armando Malheiro da Silva
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
armando.malheiro@gmail.com



Recensão crítica

Datado de 2015, editado na Alemanha e escrito por dois alemães, Wolfgang G. Stock e Mechtild A. Stock, o *Handbook of Information Science*, com novecentas páginas, responde, em parte, à esta questão: que Ciência da Informação precisamos para enfrentar a complexidade? Trata-se de um manual, compêndio ou “trabalho fundamental” sobre CI, destinado a proporcionar uma panorâmica do estado atual dessa disciplina nas suas áreas nucleares: recuperação da informação, representação do conhecimento e infometria. Embora esteja acessível a leitores de diversas profissões e ciências, visa particularmente académicos, praticantes e estudantes de CI, de *Library Science* (Biblioteconomia/Documentação), de Ciências da Computação, de Gestão da Informação e de Gestão de Conhecimento. Através da sua estrutura, exposta adiante, somos apresentados a uma ciência cujo objeto compõe-se de três domínios teórico-práticos ou de incidência aplicacional, configurando-se naturalmente adaptada ao “espírito” das *ISchools*, ou seja, do Consórcio Internacional (envolve o “ramo”

norte-americano e o “ramo” europeu) de Escolas de Informação vocacionado¹ para desenvolver este campo científico e suas adjacências, em particular a Tecnologia da Informação, a *Library Science*, a Informática, a CI e outras. Pode-se mesmo admitir que o manual se destina, naturalmente, a ser usado nesse espaço amplo e influente de ensino e investigação.

Mas, antes de entrarmos no cerne desta CI, herdeira direta da Documentação de Paul Otlet (a Biblioteconomia ou *Library Science* aparece, apenas, relacionada como disciplina vizinha, estatuto que não é atribuído nem à Arquivística, nem à Museologia, o que permite inferir que elas são vistas pelos Autores como “distantes”, seguindo, aliás, “doutrina” coincidente) e, sobretudo, da *Information Science* norte-americana, convém determo-nos um pouco sobre o entendimento dos Autores a respeito da disciplina que estudam e praticam.

Wolfgang e Mechtild Stock, na Parte A do seu manual, introduzem o leitor na CI, começando por definir a disciplina e seguidamente tratando tópicos que evidenciam a sua perspetiva epistemológica: conhecimento e informação; informação e compreensão/interpretação (hermenêutica); documentos; e literacia informacional. E, voltando ao princípio, os Autores reconhecem não existirem definições consensualmente aceites de CI e invocam para isso a juventude da disciplina por comparação com outras (como a Matemática ou a Física) e o facto de ela estar fortemente interrelacionada com várias disciplinas, como a Tecnologia da Informação e Economia, cada uma das quais com grande ênfase em suas próprias definições. Mas, entendem e reafirmam, não obstante a falta de uma definição consensual, que a CI é, por um lado, empregue para diferentes propósitos de investigação fundamental (ou pura) e, por outro, em dimensão aplicada. E adiantam uma definição “de trabalho” ou operatória:

Information Science studies the representation, storage and supply as well as the search for and retrieval of relevant (predominantly digital) documents and knowledge (including the environment of information) (STOCK; STOCK, 2015, p. 3).

Se rapidamente compararmos esta definição com a de Harold Borko, exposta no seu famoso artigo de 1968, ressalta, de imediato, na dos Autores alemães, um recorte maior do objeto, com o foco posto no estudo do modo de representar, de armazenar e de fornecer/recuperar documentos e conhecimento relevantes (predominantemente digitais, com uma leve referência ao “ambiente informacional”). De fora ficou o propósito de estudar “as

propriedades e comportamento da informação, as forças que regem o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para um máximo de acessibilidade e uso”, objetivo mais ambíguo, mas também mais ambicioso do ponto de vista epistemológico, na medida em que agrega uma dimensão social e humana, “qualitativa”, ao processamento tecnológico e instrumental da informação.

Apesar do recorte feito, os Autores estão em linha com a vocação interdisciplinar das definições de 1961/62 e 1968, indicando, com precisão, aquelas com as quais se relaciona estreitamente (apresentam, para tanto, uma figura que não é a famosa “flor” de Le Coadic, nem os diagramas de Silva e Ribeiro, mas parece cumprir uma função similar): a CI está no centro e à sua volta figuram, como disciplinas vizinhas, as Ciências da Computação, a Economia, a Biblioteconomia. Linguística (ramo Computacional), a Pedagogia e a Ciência da Ciência (ou Sociologia da Ciência/Comunicação Científica). Temos, assim, um círculo interdisciplinar estreito que choca, sobretudo, por várias ausências e evidencia a presença forte das Ciências e da Tecnologia, centradas no processamento e na recuperação lógica e computacional da informação. Há, assim, uma preferência clara pelo diálogo com disciplinas que contribuem diretamente para o que eles chamam as “sub-disciplinas” da CI ou, talvez mais apropriadamente, facetas do seu objecto de estudo:

- (1) Recuperação da Informação;
- (2) Representação do Conhecimento;
- (3) Gestão de Conhecimento e Literacia da Informação;
- (4) Pesquisa no interior da Sociedade da Informação e dos Mercados da Informação;
- (5) Infometria, incluindo Ciência da *Web* (ou *Webmetria*).

Estas facetas decorrem do sentido plasmado na definição, e os Autores tiveram o cuidado de explicar, com algum detalhe, os elementos nela usados:

Representação: o conhecimento contido nos documentos. Tal como os documentos em si (a saber: artigos científicos, livros, patentes ou publicações corporativas, mas também websites ou postagens em microblogues), condensado através de curtas descrições textuais e etiquetas com importantes termos e conceitos tendo em vista a filtragem de informação (STOCK; STOCK, 2015, p. 3-4):

Armazenamento e “serviço”: os documentos são processados de tal maneira que

sejam idealmente estruturados, mais facilmente recuperáveis e legíveis e armazenados em locais digitais, em que possam ser geridos (STOCK; STOCK, 2015, p. 4);

Busca ou pesquisa: CI observa como os utilizadores satisfazem as suas necessidades de informação, analisa as formulações de resposta a questões postas em ferramentas de busca e analisa ainda o modo como eles utilizam a informação encontrada (STOCK; STOCK, 2015, p. 4);

Recuperação: os pontos focais da CI são os sistemas para pesquisa de conhecimento, de que avultam como exemplos proeminentes os motores de busca na internet e também os catálogos de biblioteca;

Relevância: o objetivo não é encontrar “qualquer velha” informação, mas somente a espécie de conhecimento que ajuda o utilizador a satisfazer as suas necessidades informacionais (STOCK; STOCK, 2015, p. 4);

Predominantemente digital: desde o advento da internet e da informação comercial e industrial, amplas áreas do conhecimento humano estão acessíveis digitalmente, mas apesar da informação digital ser o tema nuclear ou “o core” da CI, há ainda espaço para as coleções de informação não-digital (STOCK; STOCK, 2015, p. 4);

Documentos: são textos e objetos não textuais (por exemplo, imagens, música e vídeos, mas também factos científicos, objetos económicos, objetos em museus e galerias, factos em tempo real e pessoas), sempre físicos (STOCK; STOCK, 2015, p. 4); e

Conhecimento: na CI o conhecimento é visto como qualquer coisa estática, fixada num documento e armazenada numa memória, armazenamento que pode ser digital (a *WWW- World Wide Web*), material (uma Biblioteca) ou física (o cérebro dos “funcionários de uma empresa”), ao passo que a informação sempre contém um elemento dinâmico, pois alguém informa (ativo) ou é informado (passivo), e como a produção e o uso do conhecimento estão profundamente embebidos no processo social e cultural a CI tem um forte contexto cultural (STOCK; STOCK, 2015,

p. 4).

Para complementar, esta sinóptica explicação, vejamos a estrutura da obra que é muito expressiva e desenvolve-se apenas em dois eixos (a infometria embora considerada uma das sub-disciplinas da CI não é abordada no manual de forma destacada): (1) a recuperação da informação; e (2) a gestão do conhecimento.

O primeiro estende-se por um conjunto articulado e equilibrado de “capítulos”: história, fundamentos e tipologia da recuperação de informação; processamento de linguagem natural; sistemas booleanos de recuperação; modelos clássicos de recuperação: recuperação de informação na web; problemas especiais da recuperação; e investigação empírica nesta área através da análise infométrica, de ferramentas e métodos analíticos, do perfil de utilizador e uso na pesquisa e avaliação dos sistemas de recuperação. O segundo, por sua vez, compreende um capítulo “introdutório” sobre a origem e a evolução desta área, seguindo-se os metadados, as folksonomias, os sistemas de organização do conhecimento, métodos de texto-orientado em organização de conhecimento, indexação, elaboração de sumários e investigação empírica na área através da avaliação dos sistemas de organização do conhecimento e da avaliação da indexação e da elaboração de sumários.

Apesar de uma clara divergência epistemológica não se pode deixar de saudar o esforço feito e com este grosso volume contamos com mais um “tijolo” auxiliar na construção dinâmica e séria da Ciência da Informação em plano global.

ⁱ Ver a este respeito o website <http://ischools.org/> (consultado em 14-8-2016).